



Contextos **CLÁSSICOS**

Universidade Federal de Alagoas - Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente
Programa de Pós-Graduação em Geografia
<http://www.seer.ufal.br/index.php/contextogeografico>

A AGRICULTURA PERTO DE MANAUS. UM MODO DE VIDA ORIGINAL NA AMAZÔNIA BRASILEIRA¹

Pierre Monbeig

Conseil National de la Recherche Scientifique (CNRS), França.
(1908 – 1987)

Cerca de vinte quilômetros a jusante de Manaus, logo após a confluência do Rio Negro com o Solimões, encontra-se uma das inúmeras ilhas aluviais da Amazônia: a Ilha do Careiro. Com cerca de 40 km de comprimento e não mais do que 20 km de largura, ela é limitada ao norte pelo Amazonas e ao sul por um largo braço de rio ou paraná (paraná do Careiro). Ao Sul, outro paraná, menor e reduzido a algumas piscinas durante a estiagem, divide a ilha em duas partes desiguais. O interior da ilha do Careiro é ocupado por várias lagoas, sendo a mais importante a lagoa do Rei, que está ligada à circulação geral do rio por uma rede de afluentes e defluentes. As cristas costeiras não são altas o suficiente para impedir a submersão durante as maiores enchentes. Na toponímia amazônica, o Careiro é uma várzea, ou seja, uma área de terra e lagoa que não é inundada anualmente, mas não escapa de aumentos excepcionais no nível da água. Hilgard O'Reilly Sternberg dedicou-se à monografia da várzea do Careiro, ilustrando seu trabalho com uma seleção de fotografias e quinze placas fora do texto, seções, reproduções de plantas e mapas antigos elaborados por ele mesmo. Gostaríamos de enfatizar a importância da contribuição do Sr. Sternberg para o nosso conhecimento da geografia humana da Amazônia.

Em 1950, a região do Careiro-Cambixe tinha uma população de 5.559 habitantes. Dois fatores fundamentais justificam a decisão do nosso colega brasileiro de se interessar por um grupo humano tão pequeno que habita uma várzea entre tantas outras: a proximidade do centro urbano de Manaus, a idade recente e a originalidade do assentamento. Isso está ligado à chegada, em 1889, de 1.415 emigrantes do Ceará, de onde foram expulsos pela seca e pela fome. Não que a ilha do Careiro tenha permanecido deserta até aquela data: montes de terra preta com restos de cerâmica, anotações de viajantes e documentos de arquivo indicam um antigo assentamento de índios pescadores, que se tornaram mais ou menos agricultores no decorrer do século XIX por meio do contato com alguns raros luso-brasileiros, reforçado em 1881 pela primeira chegada de cearenses. Em contraste com esse início esporádico e anárquico, a imigração de 1889 foi organizada pelos governos do Ceará e do Amazonas, este último desejando criar um centro de colonização nas margens dos rios Paraná e Cambixe. O governo pagou pela manutenção dos colonos, incluindo "roupas e cigarros". No entanto, o início foi incerto e difícil: doenças e mortes assolaram os pobres, debilitados pela fome da qual estavam fugindo e enfraquecidos pela longa viagem. A demarcação dos lotes que seriam alocados para eles foi atrasada por processos judiciais movidos pelos proprietários originais da terra, cujos direitos eram tão extensos quanto imprecisos. Somado a isso, havia a surpresa e a inexperiência desses homens, que vieram do sertão semiárido do nordeste do Brasil e, de repente, mergulharam no ambiente amazônico,

EDIÇÃO ESPECIAL:

Dossiê Amazônia, mudanças e realidades contemporâneas



no coração da floresta, inicialmente maravilhados com a qualidade do solo que estavam descobrindo e, em seguida, chocados com as enchentes que submergiram suas primeiras plantações. No entanto, a eles se juntaram outros imigrantes que vieram espontaneamente e, em poucos anos, todos tomaram posse da várzea do Careiro.

O Sr. Sternberg produziu um excelente mapa do uso da terra em seu reduto amazônico. A comparação com outro documento cartográfico não menos útil, um "esboço" de mapa morfológico, destaca a concentração de assentamentos e seu alongamento ao longo das margens altas das várzeas do Cambixe e do Careiro. Isso pode ser facilmente explicado pela preocupação com a relativa segurança contra inundações, mas também reflete o fato de que a terra cultivável nas margens e em suas encostas é maior do que nas margens mais baixas ou no interior da ilha. Cada paraná e suas margens formam uma via ao longo da qual são construídas as cabanas de tábuas. As fotografias aéreas que ilustram o livro do Sr. Sternberg mostram claramente o formato retangular ou trapezoidal da maioria das fazendas. Aquelas localizadas nas restingas, pequenas cristas de aluvião dispostas em faixas paralelas, estendem-se na direção W-E, que é a direção do fluxo do rio; elas são separadas por manchas de vegetação e têm a aparência de clareiras pioneiras. Por outro lado, nas margens dos paranás, a terra é muito mais estável e um verdadeiro território agrícola, criado com as faixas longas e estreitas que vão do rio até o interior da várzea, onde o solo é muito úmido e ácido para ser cultivado. Um lote é definido mais pelo comprimento de sua fachada do que por sua área de superfície ou profundidade, sendo que ambas são geralmente muito mal compreendidas. Essa estrutura agrária lembra as margens do St. Lawrence e do Mississippi, como o autor rapidamente aponta. Ele também mostra as surpresas desagradáveis que aguardam os proprietários de terras da Amazônia. O desmoronamento das margens dos rios às vezes reduz suas propriedades, e isso em proporções que não são desprezíveis. Um marco de uma pesquisa realizada há cerca de vinte anos está agora no meio do Rio Solimões, a um quilômetro da margem. É verdade que, como compensação, as vítimas da erosão se beneficiam do entupimento de lagos e lagoas em partes remotas de suas propriedades, recuperando aqui o que perderam lá. Mas nem todo mundo tem essa sorte.

A distribuição das plantações também reflete os imperativos da água e da topografia. Na margem mais alta, à esquerda do Paraná do Cambixe, onde o reverso se estende acima do nível médio de inundação, as lavouras e pastagens cobrem mais da metade da superfície total. Na margem direita do Careiro, por outro lado, onde a margem do rio é mais baixa e mais fina, a floresta e as terras inutilizáveis ocupam mais de três quartos da terra. Embora a mandioca seja plantada em quase toda parte, e a juta, que também está florescendo, seja encontrada nas áreas mais baixas, a associação de bananeiras, cacauzeiros e seringueiras sempre indica uma protuberância mais alta, por mais estreita que seja. Portanto, não há nada de anárquico no uso da terra. A paisagem agrícola, como aparece nas análises do Sr. Sternberg e como é mostrada em seus mapas e fotografias, é uma paisagem lógica e construída. A desordem é apenas uma aparência, como acontece com frequência em paisagens tropicais, e essa agricultura equatorial dificilmente é "primitiva", afinal de contas.

De fato, os habitantes da várzea do Careiro são mais criadores de gado do que agricultores. Emigrantes do sertão, uma terra pastoril por excelência, aproveitaram o crescimento de Manaus pouco antes da Primeira Guerra Mundial, durante o auge da borracha brasileira. Eles abandonaram suas plantações em favor da pecuária leiteira. As "plantações" de borracha e cacau foram transformadas em pastagens. Mais recentemente, o governo estadual trouxe algumas cabeças de gado holandês, mas a penetração do zebu brasileiro eliminou os efeitos do gado leiteiro importado. Como resultado, surgiu uma ilha de criação no coração da floresta amazônica.

O rebanho tem cerca de 8.000 cabeças. Não há praticamente nenhuma família que não possua seu gado, mas as desigualdades parecem ser bastante acentuadas, com o autor

relatando um estábulo capaz de abrigar os 400 animais de uma única fazenda. Pouco mais da metade do rebanho está concentrada nas cristas do paraná do Cambixe, enquanto na borda do braço principal do Amazonas, as áreas baixas de Terra Nova são mais agrícolas do que pastoris. As restingas aqui são muito descontínuas; como resultado, as propriedades de terra são muito fragmentadas, com média de apenas 1 hectare; o pequeno tamanho da terra significa que há muitas disputas entre fazendeiros e criadores de gado. As pastagens do Careiro são o resultado do atual desmatamento. Portanto, diferem dos campos amazônicos, dos de Maraj ou dos da região do alto Rio Branco. Eles tmbm se distinguem pela prática do pastoreio rotativo, que é muito raro no Brasil. Os criadores dividem suas fazendas em seções de tamanhos desiguais, mas a divisão é baseada nas nuances da topografia, ou seja, na duração da submersão anual. Os animais se deslocam de um pasto para outro conforme o nível da água sobe ou desce. A vida pastoril é, portanto, pontuada por variações sazonais no rio. De agosto em diante, o gado pode ser colocado para pastar nas áreas mais baixas e nas depressões interiores mais ou menos secas. Essa é a época em que a forragem local está em plena floração: capim papu (Paspalum conjugatum Berg.), "bico de pato" (Hymenachne amplexicaulis Rdge Ness), arroz aquático (Oryza subulata Ness). No final de agosto e especialmente em setembro, a seca pode forçar as pessoas a procurar novos alimentos. A floresta é então limpa de cacaias, e a grama cresce rapidamente. No entanto, os criadores de gado fazem menos uso da vegetação espontânea da Amazônia do que da forragem importada de outras partes do Brasil, especialmente Panicum purpurascens, conhecido aqui como capim-colnia e no Brasil tropical como capim Angola. Em fevereiro, o gado é levado de volta para os pastos nas margens do rio. É nesse período que eles são vendidos aos açougues de Manaus, de modo que apenas as vacas leiteiras e o gado jovem são mantidos durante o período de águas altas. Desde o final de maio, quando as enchentes já estavam altas, até que subitamente diminuíram em julho, quase toda a várzea foi inundada e o problema duplo de alimentar e proteger o rebanho teve de ser enfrentado. A solução que parece ser a mais lógica e simples, a migração sazonal para a terra firme, , no entanto, a menos praticada. Ela é usada apenas como último recurso.  difícil transportar muitos animais, seja para a margem esquerda do Amazonas, seja pelo labirinto interminável de igarapés que levam às terras inafundveis da margem direita. Mas, acima de tudo, a experiência nos ensina que, em terra firme, o gado  dizimado por doenças. Como o Sr. Sternberg, podemos relacionar isso a observações semelhantes feitas no Congo Belga. Se não levarmos em conta meios excepcionais, como o sacrifício de bananeiras, o alimento durante os períodos de enchente é normalmente fornecido por plantas aquáticas nas margens do rio, seus braços e lagoas. Essas plantas se proliferam  medida que a água sobe, formando cardumes espessos e compactos que são arrastados pela correnteza e dificultam a navegação e a atracação. Procuramos a membeca (Paspalum repens) e a canarana (Echinocloa spectabilis Ness, L. K.), consideradas mais nutritivas. Ambas parecem perder suas qualidades se não forem consumidas verdes. Especialistas do gnero, os capineiros, montam barcos cuidadosamente calafetados - pois a menor infiltração na carga de forragem seria fatal - para cortar a canarana e a membeca ou apreender suas ilhotas flutuantes. Surgiram conflitos entre as pessoas a montante e a jusante; ainda mais agudos foram os conflitos entre os proprietários das margens onde crescia a forragem aquática e seus vizinhos menos afortunados. O problema das águas territoriais surge mesmo nesse microcosmo amazônico.

O difícil período de águas altas é a época da estabulação. Os estábulos, ou marumbas, são construídos sobre palafitas, elevando-se até 2 m acima do solo e cobertos de zinco ou palha. Alguns têm infraestruturas sólidas e podem abrigar 150 animais ou mais. Se necessário, o piso  levantado às pressas. Os cochos de ração foram colocados do lado de fora para que os barcos carregados de forragem pudessem circular em torno do estábulo, que foi transformado em uma ilha, e para que os catadores pudessem jogar facilmente a forragem para os animais. Alguns fazendeiros, ansiosos para ficar de olho na subida das águas da

enchente e se preparar para qualquer eventualidade, colocam suas marumbas bem ao lado das casas. Outros colocam seus animais em vacarias flutuantes, ou marumbas, que são amarradas aos troncos de grandes árvores e, às vezes, cobertas por um abrigo de palha.

A criação de gado na ilha do Careiro é, como os senhores podem ver, uma tarefa difícil. Ela existe e sobrevive apenas graças à proximidade de uma área urbana para a qual fornece parte de seu leite, queijo e manteiga. Foi útil mostrar como, na floresta equatorial, a cidade pode estimular atividades originais em um ambiente rural. Elas levaram a melhorias nos padrões de vida? Gostaríamos que o senhor Sternberg tivesse feito uma comparação entre os caboclos de sua várzea e seus vizinhos, agricultores itinerantes. Seu trabalho tem o grande mérito de fornecer fatos metodicamente coletados sobre uma região bem definida, interpretados no melhor espírito geográfico. Na escala do mundo amazônico, estudar a ilha do Careiro pode parecer um excesso de microgeografia. Mas o que o Brasil precisa não é tanto de um renascimento dos afrescos tradicionais, mas de levantamentos meticulosos que possam ser usados para melhorar a condição humana nas várzeas amazônicas.

¹Texto originalmente publicado em francês com o título *L'élevage près de Manaus. Un genre de vie original dans l'Amazonie brésilienne* na revista *Annales de géographie* do ano de 1959 (v. 368, pp. 376-379). Tradução de **Hervé Théry**, graduado em Geografia e História pela Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne), mestre e doutor em Geografia pela Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne). Atualmente é pesquisador emérito do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), professor da USP, do Programa de pós-graduação em Geografia Humana, PPGH.